

Acima dos programas dos partidos

FOI Jaime Cortesão quem me convidou para integrar o «Grupo da Seara Nova». Éramos quase todos remanescentes da Guerra de 1914 e republicanos da propaganda e implantação da República. Havia entre nós numeroso e activo grupo de gente letrada, duma camaradagem e solidariedade que implicavam aspirações políticas onde Liberdade, Democracia, Povo, estavam acima dos programas dos Partidos saídos da Revolução de 5 de Outubro.

«À *Seara Nova* move-a apenas esta ambição: — intervir activamente na vida política do País, sem se transformar em partido político. Quer exercer na sociedade portuguesa uma espécie de poder espiritual no posto de mais desinteresse, mais eficiência e de mais perigo.»

A ilustre confraria logo obteve a adesão de nomes já famosos no campo da Inteligência e da Alta Cultura. Eu era ali uma espécie de «irmão leigo» mas dedicado e capaz de ocupar aquele posto de mais perigo, cujo era o de «arriscar o pêlo» sem medo, como garantiam as credenciais obtidas na África e no ambiente de guerra civil que os monárquicos alimentavam: incursões couceiristas, Trabitania, sucessivos pronunciamentos militares.

A convivência com Raul Proença, Jaime Cortesão, Azevedo Gomes, António Sérgio, Câmara Reis, Aquilino Ribeiro, Ezequiel de Campos, Raul Brandão, Rodrigues Miguéis, Augusto Casimiro e tantos outros que constituíam o escol da verdadeira aristocracia natural e socialista, dava-me ensejo para acompanhar de perto os projectos que haviam de libertar a Grei da triste condição dos serviços da gleba e acabar «a mais grave de todas as crises portuguesas, a que condiciona todas as outras a que cumpre atacar primeiramente, e que diríamos a única crise — a crise da inteligência e da mentalidade», como afirmava António Sérgio nas reuniões do grupo seareiro realizadas na Biblioteca Nacional, seu local de trabalho, bem assim de Cortesão Proença.

Eu e Ezequiel de Campos, íamos do Porto para tomar parte naquele serão de tardes memoráveis que me traziam à lembrança o cenáculo de S. Silvestre, roda de humanistas e grandes senhores que tanto vestiam a quinzena de cotio para os dias de trabalho, como envergavam a irrepreensível casaca de talhe londrino nas noites de gala do S. Carlos ou em conferências e reuniões políticas e sociais de alto gabarito, haja vista aquela que, para apresentarmos

nosso programa e participação no Governo da República realizámos na Sociedade de Geografia e lotou o grande salão, dando brado as ideias revolucionárias e progressistas ali expostas bem assim o aprumo e a coragem dos homens que vinham a público para dizerem à cidade de Lisboa e a todos os portugueses a necessidade e a urgência de serem tomados novos rumos na vida nacional capazes de respeitarem aqueles compromissos com o povo, feitos antes da Revolução de 1910.

Assim foram passando mais de dois anos que se caracterizaram por intensa propaganda, não só na *Seara Nova*, revista de doutrina e crítica, como nos jornais diários onde combatíamos o palavriado bogalheiro dos Deputados em S. Bento, como as manhas e arranjos eleiçoeiros dos governantes demoralizados pela inflação galopante, inquietação dos operários cujos salários eram mesquinhos para atender o preço sempre aumentado dos géneros de primeira necessidade, Ministérios que duravam meses, pronunciamentos militares a propósito de tudo e de nada.

Foi neste período calamitoso de inquietação social e descontentamento generalizado que em meados de Dezembro de 1923 Álvaro de Castro assumiu a Presidência dum Governo disposto a pôr termo ao descalabro financeiro e político que ameaçava a própria nacionalidade e a já precária existência da República. Desse Ministério faziam parte o major António Ribeiro de Carvalho, glorioso combatente da Flandres e os dois vareiros António Sérgio e Mário de Azevedo Gomes, aquele como ministro da Instrução, este da Agricultura. Na guerra tinha Ribeiro de Carvalho como chefe de Gabinete o herói de Nanlila capitão Francisco Aragão. Por discordar duma lei de promoção dos sargentos aprovada pelo Parlamento em 22 de Fevereiro de 1924, Ribeiro de Carvalho demitiu-se. Com ele se solidarizaram Sérgio e Azevedo Gomes que também deixaram o Governo. Sérgio mal teve tempo de publicar o Decreto que instituía a Junta de Orientação dos Estudos para concessão de bolsas no estrangeiro e criação de Escolas Experimentais que o Parlamento vetou negando-lhe a verba necessária. «Tive de desistir e de me ir embora. Como eu previra (e o declarei na Câmara) veio um 28 de Maio que me vingou». Os projectos do famoso engenheiro agrónomo, professor Mário de Azevedo Gomes, a figura mais distinta e o carácter mais nobre que encontrei na minha Peregrinação pelo mundo da Política, só tiveram tempo para serem esboçados na sua efémera passagem pelo Terreiro do Paço. É nesta altura (Julho de 1924) que Raul Proença declara ao «Diário de Lisboa»:— Andamos decididamente a brincar com o fogo. Estamos fora de todo o espírito de realidade, surdos, inepta e criminosamente surdos às declarações da consciência nacional». Logo veio outro Governo de outros poucos meses, e sua demissão deu lugar, a 24 de Novembro de 1924, ao Ministério José Domingues dos Santos. Tinha na Guerra Helder Ribeiro e na Agricultura Ezequiel de Campos, ambos também portuenses.

Ezequiel respondeu ao convite de José Domingues pondo duas condições:

- 1) Que o seu chefe de Gabinete fosse o Capitão Sarmiento Pimentel.
- 2) Que as leis que constituiriam o programa do Governo para o Ministério da Agricultura fossem apresentadas ao Parlamento 15 dias após a sua posse de Ministro, e o Parlamento dentro de mais um mês as discutisse e aprovasse (1).

O Presidente do Ministério conseguiu que o Presidente da Câmara dos Deputados marcasse a sessão para ouvir a leitura dos projectos seareiros de Ezequiel de Campos dentro do prazo que havíamos combinado. Esse dia da leitura das propostas Leis de «Mestre Ezequiel» (assim o tratavam todos) foi um dos grandes acontecimentos políticos da Seara. Tais propostas cairam como uma bomba no meio da Junta de Paróquia da Província. Até os monárquicos sonolentos se assustaram!

Mas António Maria da Silva, Chefe do Partido majoritário, refeito da surpresa e ousadia, tratou de inutilizar aquela tentativa desesperada e quixotesca de mudar, assim de supetão, o rumo da política nacional. E por manobras partidárias de obstrução conseguiu que tais propósitos seareiros ficassem a dormir na fila dos projectos que as comissões parlamentares haviam de examinar e relatar para o Plenário depois discutir e aprovar.

Foi desta maneira ardilosa, dum facciosismo lorpa, que ele conseguiu que se esgotasse o prazo estabelecido para nossa permanência no Terreiro do Paço. Ao fim de escasso mês de inúteis negociações e resolução corajosa de problemas difíceis de ordem geral e interna no Ministério da Agricultura, como daquele do abastecimento de trigo à insaciável e farisaica Moagem, tabelas de preços de géneros de primeira necessidade, podíamos reconhecer que o bem intencionado e patriota José Domingues dos Santos não dispunha no Parlamento duma maioria disciplinada e suficiente para poder impor o que havia acertado connosco.

Pedimos então a António Sérgio, Jaime Cortesão e Câmara Reis que viessem ao Terreiro do Paço para lhe comunicarmos a nossa resolução de abandono imediato do Ministério.

Ezequiel tinha este argumento, um pouco desabrido, para justificar a nossa atitude:— «a gente de S. Bento vai atirar de pernas ao ar com a República, e também connosco e *Seara* e tudo quanto temos de digno e honrado, se não formos embora. O Pimentel, como é tropa e valente, que à despedida lhes apresente as armas de São Francisco, única homenagem que merecem.»

Cortesão pediu que nos reuníssemos ao outro dia na Biblioteca Nacional e com a presença de Azevedo Gomes, Raul Proença e outros nossos companheiros que ele avisaria. Na tarde seguinte compareceram todos os directores da *Seara Nova* mais Augusto Casimiro e Raul Brandão além de umas quatro ou cinco pessoas que não me recordo dos nomes.

Ficou-me até hoje desse decisivo e dramático conclave a imagem do velho e querido Raul Bran-

dão com sua capa de roda larga e bengala avanta-
jada que lhe davam aspecto daquelas hieráticas figu-
ras dos humbrais da catedral gótica. E os seus olhos
grandes, tinham um brilho suave e acariciador a
dizer com o lado de santidade que parecia luzir em
volta da sua bela cabeça de pensador, de apóstolo
anunciando aos gentios a grandeza do Reino Unido...

Foi ali, e pela última vez, que o ouvi, e quando
nos disse aquela sentença que pareceu tirada das
páginas do Apocalipse: — «Tudo quanto vem aconte-
cendo é para mim uma causa de espanto, e atra-
vés deste espanto um espanto ainda maior. Termi-
nará convosco a Liberdade. Falai agora e dizei quanto
de mais urgente e necessário e sincero está na vossa
consciência de homens livres. Amanhã todos sere-
mos apenas fantasmas duma época que findou tris-
tamente, pobre de tudo como o povo donde vimos.
Aquilo que dissermos, escrito ou falado, só será lido
e ouvido pelos féros e mavórticos tiranos da Nova
Ordem que têm nas mãos rapaces e garras satânicas
da opressão e do ódio.»

Sérgio, o filósofo, o nosso camarada com maior
equilíbrio mental e político para poder marcar o
rumo futuro dos seareiros, e que afinal viria a ser
o longo e cruel desterro daquele punhado de idea-
listas, que sempre procurou glorificar a Pátria de
seus maiores e defender os direitos e a liberalidade
dos portugueses, ainda quis atenuar o pessimismo
sem esperança do grande prosador e velho republi-
cano, apelando para uma revolução que não foi a
sua, mas aquela de 28 de Maio de 1926 que ele
anteriormente previra...

São Paulo, Abril de 1971.

(1) Lei da Povoação e Aproveitamento dos terrenos pousios e
despovoados.

(2) Lei da Rega e Povoação de Terras.

(3) Lei da Contribuição Predial rústica.

(4) Aproveitamentos Hidráulicos e Utilização dos combustíveis
Portugueses.

J. Sarmiento de Beires

Presença do passado



O redemoinho do Tempo poderia ter esvaído
memórias vividas há 50 anos, se aqueles 20
não tivessem ficado a projectar sobre o Fu-
turo a luminosidade de uma pureza ideológica, de
uma inabalável fé na existência de homens probos,
íntegros, leais, que eram verdadeiros símbolos de
verticalidade de carácter, de coragem moral, de in-
corruptibilidade, de espírito de justiça, num am-
biente profundamente conturbado. Esses eram os
Homens da *Seara Nova*. Aquele grupo que nunca
se agremiou como partido político, em parte para
deixar a cada um a liberdade de pensar e agir inde-
pendentemente de um programa imposto e de uma
disciplina de certo modo escravizante, embora exis-
tisse um conjunto de princípios dentro do qual nos
sentíssemos irmanados.

Todos éramos amigos. Amigos susceptíveis de
discutir, discordar, manter pontos de vista pessoais,
não obstante a identidade de critérios que nos con-
duzia ao acordo, sempre que estivesse em causa